

Nome Name <i>Max Summeier</i>	Nº Nr.
Professor(a) Lehrer(in)	Matéria Fach
Classe Klasse	Nota Note
Data Datum <i>06, 05, 25</i>	Média da turma Klassendurchschnitt
Assinatura do Responsável Unterschrift der Eltern:	

Avaliação Semestral de Língua Portuguesa – P2

Conteúdo: *Pequeno Manual Antirracista* - Djamila Ribeiro

Tarefa:

Sua escola está organizando uma semana de projetos com o tema "Racismo: desafios contemporâneos" e publicará uma revista temática, voltada a alunos, professores e pais, com vários textos sobre o tema. Você decidiu contribuir com um artigo de opinião no qual discutirá as consequências desse problema na sociedade contemporânea. Para a elaboração desse texto, você deverá utilizar os materiais de 1 a 5 e mobilizar seu repertório sociocultural; formular um título apropriado e fazer referências aos materiais (o que inclui o número do material). Não utilize 1ª pessoa.

Nome Name <i>Max Burmeister</i>	Nº Nr.
Professor(a) Lehrer(in)	Matéria Fach
Classe Klasse	Nota Note <i>8,0</i> <i>10</i>
Data Datum <i>06/05/25</i>	Média da turma Klassendurchschnitt
Assinatura do Responsável Unterschrift der Eltern:	

Avaliação Semestral de Língua Portuguesa – P2

Conteúdo: *Pequeno Manual Antirracista* - Djamila Ribeiro

Material 1

“Que a “raça” (ou, na verdade, o “racismo”) tenha um lugar proeminente na racionalidade própria do biopoder é inteiramente justificável. Afinal de contas, mais do que o pensamento de classe (a ideologia que define história como uma luta econômica de classes), a **raça foi a sombra sempre presente sobre o pensamento e a prática das políticas do Ocidente**, especialmente quando se trata de **imaginar a desumanidade de povos estrangeiros – ou dominá-los**. Referindo-se tanto a essa presença atemporal como ao caráter espectral do mundo da raça como um todo, Arendt localiza suas raízes na experiência demolidora da alteridade e sugere que a política da raça, em última análise, está relacionada com a política da morte. Com efeito, em termos foucaultianos, **racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder**, “aquele velho direito soberano de morte”. **Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição de morte e tornar possível as funções assassinas do Estado**. Segundo Foucault, essa é “a condição para a aceitabilidade do fazer morrer”. Foucault afirma claramente que o direito soberano de matar (*droit de glaive*) e os **mecanismos de biopoder estão inscritos na forma em que funcionam todos os Estados modernos**; de fato, eles podem ser vistos como elementos constitutivos do poder do Estado na modernidade. Segundo Foucault, o Estado nazista era o mais completo exemplo de um Estado exercendo o direito de matar. Esse Estado, ele afirma, tornou a gestão, proteção e cultivo de vida coextensivos ao direito soberano de matar. Por uma extrapolação biológica sobre o tema do inimigo político, na organização da guerra contra os seus adversários e, ao mesmo tempo, expondo seus próprios cidadãos à guerra, o **Estado nazi é visto como aquele que abriu caminho para uma tremenda consolidação do direito de matar**, que

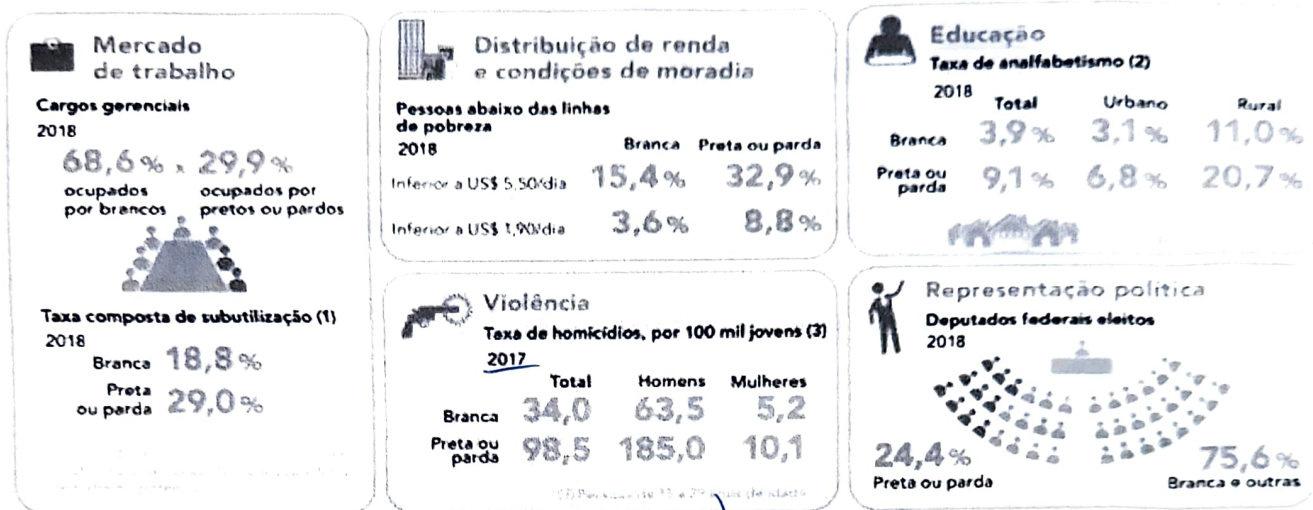
*Hanna Arendt
"Einen kleinen Teil von uns"*

*Para entender
como o Estado
faz o que ele faz*

culminou no projeto da "solução final". Ao fazê-lo, tornou-se o arquétipo de uma formação de poder que combinava as características de Estado racista, Estado assassino e Estado suicida."

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: Arte & Ensaios, nº 32, 2016.

Material 2



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais.

"necropolítica"

Material 3

"Os homens brancos são maioria nos espaços de poder. Esse não é um lugar natural, foi construído a partir de processos de escravização. Alguém pode perguntar: "Mas e no caso de homens brancos pobres ou homossexuais, que não necessariamente possuem todos os privilégios sociais de homens brancos heterossexuais ricos?". De fato, é sempre importante levar em consideração outras intersecções. Porém, o debate aqui é sobre uma estrutura de poder que confere privilégio racial a determinado grupo, criando mecanismos que perpetuam desigualdades.

Nesse sentido, mulheres brancas são discriminadas por serem mulheres, mas privilegiadas estruturalmente por serem brancas. O mesmo ocorre com homens brancos homossexuais, que são discriminados pela orientação sexual, mas, racialmente falando, fazem parte do grupo hegemônico. Isso de forma alguma exclui as opressões que sofrem, mas o localizam socialmente no lugar da branquitude.

O conceito de lugar de fala discute justamente o *locus social*, isto é, de que ponto as pessoas partem para pensar e existir no mundo, de acordo com as suas experiências em comum. É isso que permite avaliar quanto determinado grupo — dependendo de seu lugar na sociedade — sofre com obstáculos ou é autorizado e favorecido. Dessa forma, **ter consciência da prevalência branca** nos espaços de poder permite que as **pessoas se responsabilizem e tomem atitudes para combater e transformar** o perverso sistema racial que estrutura a sociedade brasileira.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno Manual Antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019..

Material 4

Negro forro

de Adão Ventura

→ *lei da indígena*

Minha carta de alforria
Não me deu fazendas,
Nem dinheiro no banco,
Nem bigodes retorcidos.
Minha carta de alforria
Costurou meus passos
Aos corredores da noite de minha pele.

*deu-me de xerxo, para color
limpale solidamente por
sua pele*

Disponível em:

<https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/14825-poetas-negras-e-negros-brasileiros>

Adão Ventura 1980

Lima Barreto e o racismo do nosso tempo

Para Lilia Schwarcz, que em junho lança biografia de Barreto, autor tem muito a dizer à contemporaneidade, especialmente quando se fala em raça e gênero

Negro, morador do subúrbio, desleixado e contraditório: era assim que o próprio Lima Barreto se definia. Ignorado em seu tempo, o autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915) e *Clara dos Anjos* (1922) entrou para o cânone da literatura brasileira depois de muito tempo esquecido: neste ano, além de ser homenageado na FLIP, ele ganha uma nova biografia, com previsão de lançamento para junho: Lima Barreto, triste visionário, da historiadora e antropóloga Lilia Schwarcz.

No livro, Schwarcz investiga os motivos pelos quais **Barreto ficou tanto tempo relegado ao esquecimento**. “Deixá-lo no lugar de vítima é muito pouco”, disse à CULT na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESP-SP), onde apresentou trechos de sua pesquisa de uma década sobre o autor, na última segunda (8).

Nascido em 13 de maio de 1881, o autor era filho de ex-escravos, e vinha de uma família monarquista, protegida pelo visconde de Ouro Preto. Logo cedo, perdeu a mãe, Amália, para a pneumonia e, mais tarde, o pai, João Henriques, para a loucura. Antes disso, porém, Henriques se esforçou, com a ajuda do visconde, para dar ao filho uma educação de qualidade – fato decisivo para o nascimento do Lima Barreto **ácido e crítico**.

Desde o início de sua vida escolar, no Liceu Popular de Niterói, até sua matrícula na escola Politécnica do Rio, onde era o único aluno negro. “Pele cor de azeitona escura”, como ele mesmo se definia, **Barreto sentiu na pele as consequências de ousar ser um homem negro ocupando um espaço completamente dominado por brancos** – e via com desconfiança a própria Lei Áurea e a noção de “liberdade” que ela trazia: “**Liberdade era uma palavra que eu desconfiava e não confiava**”, ele registrou em um diário da época.

Como uma resposta à discriminação racial e à exclusão social sofrida dia após dia, Barreto escrevia sobre estes assuntos de forma dura **em uma época em que ninguém estava disposto a falar ou ler sobre isso**. **A intenção do autor**, segundo Schwarcz, **era de fato incomodar**: “Ele achava que os

Djornale - "Luta e do racismo é um pouco
longo e doloroso"

naturalização de
violências

negros só poderiam ser socialmente integrados através da luta e do constante incômodo. Por isso, denunciava que a escravidão não acabou com a abolição, mas ficou enraizada nos menores costumes mais simples". Para chegar à dose perfeita de incômodo, Barreto fazia uma literatura do "Rio de Janeiro alargado": não falava apenas do centro da cidade, mas principalmente dos subúrbios e de seus habitantes; descrevia detalhadamente as estações de trem e os transeuntes, as ruas e os bares, os costumes e as tradições populares, as violências e opressões, deixando a burguesia branca de lado.